

CIES e-Working Paper N.º 187/2014

**A reconfiguração da identidade de estudantes angolanos em contexto de
integração no ISCTE-IUL**

Martinho Bangula Katúmua

Martinho Bangula Katúmua é licenciado e mestre em Sociologia pela Universidade Jean Piaget de Angola e pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), respectivamente.

É docente nos Institutos Superiores Politécnicos Jean Piaget e Maravilha de Benguela. Faz investigação no Centro de Investigação Sol Nascente do Huambo, onde tem trabalhado temas relacionados com a reforma da educação em Angola, mobilidade social, globalização, identidade cultural, indústria cultural, mercado de trabalho e comportamento eleitoral.

Resumo

O presente working paper tem como suporte uma pesquisa realizada no âmbito de um trabalho de dissertação de mestrado em sociologia no ISCTE-IUL, desenvolvido pelo autor, entre fevereiro a dezembro de 2013. Partindo dos contributos teóricos disponíveis na vasta produção sociológica, a questão da identidade e da integração são problematizadas dentro de um contexto universitário, fortemente marcado pela heterogeneidade dos seus atores. O foco do estudo recaiu sobre a identificação das estratégias de integração dos estudantes angolanos matriculados no 2º e 3º ciclo de ensino superior no ISCTE-IUL, e compreensão da sua influência na reconfiguração das suas identidades.

Utilizou a entrevista como principal instrumento de recolha dos dados, no âmbito da metodologia qualitativa. Do estudo resultou identificação de três tipos estratégias de integração, nomeadamente; abertura, fechamento e hibridismo.

Palavra-chave: Angolanos, estratégias, integração, estudantes, Portugal, identidades, universidade.

Abstract

This working paper is supported by a research conducted as part of a Masters dissertation in sociology at the University Library, developed by the author. Starting from the theoretical contributions available in the vast sociological production, the question of identity and integration are problematized within a university context, strongly influenced by the heterogeneity of its actors. The focus of the study fell on the identification of strategies for integration of Angolan students enrolled in the 2nd and 3rd cycle of higher education in the University Library, and understand its influence in reconfiguring their identities.

Keywords: Angolan setting, strategies, integration, students, Portugal, identities, university.

Introdução

A presença de estudantes angolanos em Portugal remonta aos meados do século passado, com a Casa dos Estudantes do Império onde se formaram os primeiros quadros angolanos¹.

Atualmente uma nova geração de estudantes angolanos emigra para Portugal em busca de formação superior, principalmente, ao nível dos cursos de mestrado e doutoramento, após ter feito a escolarização em Angola.

Tendo em atenção as múltiplas diferenças existentes, quer ao nível dos currículos de formação de base, intermédia e de graduação, quer ao nível da cultura dos povos, em geral, e cultura universitária, em particular, julgamos pertinente compreender em que medida as demandas geradas pelos processos de integração se refletem na reconfiguração da identidade dos estudantes angolanos a frequentar o 2º e 3º ciclo de ensino no ISCTE-IUL.

De modo geral, estes estudantes efetuaram todo seu percurso académico e já exercem ou exerceram atividades profissionais em Angola. Por este facto, partimos do princípio que são portadores de um conjunto de valores identitários adquiridos e consolidados ao longo destes percursos. Com o seu ingresso no ISCTE-IUL, estes valores são confrontados com “outros valores”, com os “valores da nova comunidade”, numa realidade e circunstâncias diferentes face às suas anteriores experiências académicas.

A observação de possíveis alterações às identidades destes estudantes torna-se mais interessante em função do seu perfil sociodemográfico e ocupacional: geralmente mantêm ativos os laços com o país de origem, por via das relações familiares ou profissionais, resultando, muitas vezes, em deslocações regulares. Este facto, *a priori*, tenderá a originar dificuldades de articulação com um conjunto de atividades concorrentes à promoção da integração, por exemplo a participação em eventos extracurriculares (conferências, palestras e festas) e constituição de redes de sociabilidades mais estáveis suscetíveis de catalisar a integração ao ISCTE-IUL, suavizando as múltiplas diferenças existentes.

Diante deste quadro, o estudo visou, por um lado, identificar e explicitar as estratégias de integração adotadas pelos estudantes angolanos, tendo em vista a sua própria integração,

¹ A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi fundada em 1944. De acordo com Castelo “*os estudos gerais universitários em Luanda e em Lourenço Marques datam de 1962 e só, em 1968, passam a universidades. Os jovens naturais ou residentes nas possessões coloniais, que quisessem tirar um curso superior e tivessem possibilidades económicas para tal, tinham que deixar as suas terras e demandar Lisboa, Coimbra ou Porto, cidades onde, em muitos casos, não tinham parentes ou qualquer espécie de retaguarda*” (Castelo,2010:5)

enquanto minoria, e compreender em que medida elas se refletem na “reconfiguração das identidades” (COSTA, 2002: 16).

Este working paper apresenta e discute os resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da dissertação de mestrado em sociologia do seu autor². A pesquisa foi realizada e assumiu um carácter exploratório. Objetivou-se, tão-somente, explorar um primeiro quadro das relações existentes entre a identidade de uma minoria de estudantes e as demandas de integração geradas nos diversos níveis da vida social e académica.

1. QUADRO TEÓRICO

Existe na sociologia uma extensa produção teórica sobre as questões da identidade e da integração. Em alguns casos surgem abordadas de forma articuladas noutros em separados. Sem a pretendermos fazer uma abordagem que esgote estas temáticas, apresentamos em seguida o quadro geral dos principais conceitos de ancoragem do trabalho realizado.

Migração

O tema em estudo, embora esteja mais diretamente ligado aos processos de reconfiguração das identidades dos indivíduos em minorias nas organizações, inscreve-se igualmente, no âmbito dos processos migratórios, na medida em que, todo o indivíduo que se encontra a residir no *estrangeiro*, ou seja, num país de onde não é nacional, por razões de estudos é considerado imigrante, ainda que temporariamente. O conceito de imigração proposto por Shmuel Eisenstadt (1954) abarca duas dimensões substantivas do ato migratório: o espaço físico, enquanto realidade territorial para o qual o indivíduo se desloca, por um período relativamente longo, excluindo-se deste modo as deslocações mais efémeras, e o espaço social enquanto conjunto de disposições que configuram uma realidade autónoma e parametrizada (cf. Pires, 2003).

Portanto, a migração ocorre sempre que se dá uma deslocação entre espaços físicos e sistemas sociais diferentes, em consequência da qual resultam processos de desintegração e integração.

² A dissertação de mestrado teve como título “ A reconfiguração identitária em contexto de integração: O caso dos estudantes angolanos de 2º ciclo de ensino superior no ISCTE-IUL no ano de 2013” e foi orientada pela Professora Doutora Susana da Cruz Martins.

Integração

A utilização do conceito de integração está presente, desde os primórdios da sociologia, nas suas principais abordagens, sejam elas de cunho acionalistas ou estruturalistas. Os sociólogos usam, geralmente, este termo para se referirem a fenómenos que se dão em planos diferentes. No plano micro aludem ao modo como os atores são incorporados num espaço social de partilha e no plano macro designam as formas de compatibilização dos vários sistemas sociais (Pires,1999:9).

De acordo com Rui Pena Pires, a integração de imigrantes é feita através da interiorização dos mecanismos de participação na ordem interativa. Esta reparametrização pode ser feita por duas vias: incorporando-se em quadros de interação autóctones ou participando em novos quadros construídos pelos próprios imigrantes (Pires,2003:95). Entendemos que, mesmo que os indivíduos, numa primeira fase, sigam pela segunda via de integração, esta tenderá a funcionar mais como uma catapulta para a progressiva integração em quadros de interação dos autóctones, do que como uma via definitiva de integração. Porque a integração pressupõe entrosamento e partilha com o todo e não apenas com uma parte do todo, que representam os quadros dos imigrantes.

Porém, o acesso a estes quadros não se dá de forma automática. Processa-se em ciclos próprios e obedece a uma graduação. Fernando Luís Machado (2002:11-14) – retomando analiticamente os contributos de Park (1920) e Dessotto (1990) – aponta três fases para o ciclo migratório: inscrição na sociedade de acolhimento, estabilização e sedentarização e a co-inclusão societal. Os imigrantes chegam ao fim deste ciclo três ou quatro décadas depois. Após confrontar a teoria com dados oficiais disponíveis, na altura, o autor concluiu que, dos imigrantes dos PALOP, somente os caboverdianos haviam alcançado a segunda fase deste ciclo e nenhuma outra nacionalidade atingira a terceira fase em que, “os imigrantes passam a ser olhados como membros efetivos da sociedade”.

Integração de minorias nas organizações

Existem diferentes propostas teóricas, no âmbito da sociologia, que nos ajudam a compreender a problemática das minorias. Entre elas, estão as abordagens culturalistas, construtivistas e estruturalistas. As duas últimas evidenciam os factores de natureza económica e política na construção de minoria étnica, para os processos de formação do racismo, do preconceito e da discriminação. Por sua vez, a primeira ancora-se nas questões da agência e dinâmicas individuais.

Sem prejuízo das demais concepções, a nossa compreensão de integração de minorias em contexto organizacional está em linha com a de Perotti (citado por Pinto, 2007) para quem “*o conceito de integração opõe-se à noção de assimilação e indica a capacidade de confrontar e de trocar - numa posição de igualdade e de participação - valores, normas, modelos de comportamento, tanto da parte do imigrante, como da sociedade de acolhimento*” (Pinto, 2007:51).

De acordo com Eduardo Ruiz Vieyetz (2001:59) podemos afirmar estar diante de uma minoria sempre que estivermos em presença de um grupo de indivíduos com características comuns e que são diferentes da maioria da população. Trata-se, portanto de um conceito relacional, ou seja, a integração é, via de regra, colocada na relação entre a cultura de uma minoria (a integrar-se) e a cultura do grupo dominante (de acolhimento).

A este respeito, Sónia Pinto (2007) defende que a integração deve ser vista como um processo dinâmico no qual os grupos, maioritários e minoritários, se ligam e partilham a mesma organização social (designadamente, a escola) fomentando o respeito mútuo pelas identidades sociais e culturais de cada ser (Pinto, 2007:59). O confronto entre estas diferentes identidades levará a que os indivíduos recorram a estratégias próprias com vista, não unicamente, à preservação da sua identidade mas, e sobretudo, a ser bem-sucedido dentro da nova organização. Ao optarem pelos diversos expedientes de integração é, no fundo, com as suas identidades que os indivíduos estão a mexer. Partindo do princípio que as identidades não se constroem por justaposição ou compartimentação, mas por referência e recomposição. É de reconfiguração da identidade dos indivíduos que falamos quando nos referimos à sua integração em minoria às universidades.

Integração das minorias nas universidades

As instituições de ensino superior ocupam hoje, na sociedade da informação, um lugar de destaque, na medida que deixaram de ser vistas como espaços bidimensionais (composto por professores e alunos) e passaram a verdadeiros “quartéis” do conhecimento, assumindo através do seu papel ativo no desenvolvimento da tecnologia e difusão do conhecimento (Martins, 2012:60).

Em face disso, não é fácil ignorar o papel destas instituições na atualidade, como urge dedicar uma atenção especial ao estudo das suas dinâmicas internas e das relações que mantêm com os diferentes intervenientes. A universidade, enquanto constructo social, é uma organização

de uma outra ordem, isto é, as “instituições têm vida e são sujeitos com identidades e projetos próprios, com possibilidade de autodeterminação” (Pazeto,2007:3).

A respeito da integração em organizações escolares, existem numerosos estudos que se propõem medir os níveis e graus de integração dos estudantes nas universidades ou, ainda, estudos-testes de medição da fiabilidade dos instrumentos usualmente empregues nas aludidas medições (Carvalho, 2002; Diniz, 2001; Almeida & Ferreira, 1999; Baker & Siryk, 1989). No seu conjunto, têm contribuído significativamente para compreensão das questões de integração, embora o seu enfoque seja demasiado centrado na medição, deixando, não raras vezes, escapar alguns elementos de natureza qualitativa igualmente relevantes à compreensão deste fenómeno.

Deste modo, tal como referido na introdução, o nosso foco recai, sobretudo, na compreensão dos processos de reconfiguração das identidades dos indivíduos, quando estes se confrontam com a necessidade de integração em novos e diferentes contextos organizacionais.

As universidades enquanto organizações, caracterizam-se, em regra, pela heterogeneidade dos seus membros a vários níveis. Este facto, por si só, obriga a que se criem mecanismos que possibilitem a mobilização de todos os membros, independentemente das suas particularidades ao projeto comum. Neste quadro, o processo de integração resulta de uma construção participada, pela instituição e pelos estudantes por via do estabelecimento de relações multifacetadas e caracterizadas por trocas de expectativas mútuas, sempre mediadas pelo conjunto de políticas, normas e orientações regulamentares, que garantem a previsibilidade da ação e o carácter formal das relações (Polydoro et al, 2011:11).

Sociabilidades

De um modo geral, o termo “sociabilidades” designa um conjunto vasto de redes sociais de contactos, através das quais os indivíduos desenvolvem relações e participam em processos de integração e/ou afirmação identitária.

De acordo com Machado (2002), o estudo das sociabilidades em contexto migratório é de fundamental importância para a compreensão dos processos de (re)construção identitária, pois, do maior ou menor contraste cultural com a sociedade de acolhimento, resultará o sentido de orientação das redes de sociabilidades.

A sociabilidade é, aqui, entendida como uma rede de significados, isto é, um espaço interativo onde os círculos de amizade, as relações familiares e profissionais ganham significados nas

orientações identitárias, estabelecendo, deste modo, linhas de fronteira entre diferentes grupos e orientações societárias. A etnicização é uma destas orientações.

A etnicização é abordada, na literatura específica, como uma amálgama de processos através dos quais os imigrantes, em resposta às demandas geradas no novo espaço de acolhimento, constroem as suas identidades. De acordo Pires (2003), a identidade construída por essa via é *“baseada no sentido de pertença a uma comunidade comum, com uma ascendência comum, precedendo, tendencialmente, outras e hetero categorizações sociais e, por isso, proporcionando um sentido de solidariedade que supera, em situações críticas, outras divisões sociais (ideológicas, classistas, de status, sexo, geração...)”* (Pires,2003:100).

A etnicidade em si e por si mesma, deixa de poder explicar, cabalmente, os comportamentos e as escolhas dos imigrantes. Torna-se necessária a combinação certa dos factores atrás referidos, para configurar uma situação de “eticidade forte” (Machado,2002:18)

Afigura-se, igualmente, útil referir que não tomamos os conceitos de etnicização e assimilação como sendo mutuamente exclusivos. Servem apenas de ideais-tipo polares para nosso expediente analítico-metodológico, conscientes de que na realidade poderá existir um contínuo de situações. Embora exista, em aberto, no seio das ciências sociais, o debate sobre a possibilidade de se equiparar ou não o valor da etnicidade ao das outras categorias teóricas, como a de classe social. O conceito de etnicidade tem, ainda assim, as suas virtudes para a compreensão de processos multi e interculturais. Teresa Seabra (1999:13) reconhece a importância da etnicidade, enquanto clivagem social, no domínio da produção de uma fronteira interclassista no que respeita a organização de interesses. Nesse sentido serve os intentos da nossa pesquisa.

Configuração da identidade

A identidade é simultaneamente uma construção psicológica e sociológica, pois resulta de processos dialéticos e relacionais dos indivíduos com o meio exterior e da interiorização da realidade social.

É recorrente nos discursos sobre a identidade em contexto de migração, encontrar-se cunho político e institucional ou académicos, que incautamente preconizam olhar para identidades, tanto da sociedade de acolhimento como dos imigrantes com sendo homogenias. Esta perspectiva é, para além de redutora, perigosa e enganosa. Porque ao tomarmos todos por iguais, anulamos a sua subjetividade e ignoramos a sua capacidade de *agência* e fazemos com

que as estruturas se sobreponham como o único factor explicativo. Na obra *Adaptação e Adversidade*, Teresa Seabra (2010), socorrendo-se dos resultados de um conjunto de estudos anteriores demonstra como, para o caso dos alunos filhos de imigrantes, os aspetos de ordem estrutural se combinam com os de ordem cultural e social no encaminhamento da integração dos imigrantes. A autora fala em “atributos comunitários” e “forças comunitárias” mais do que continuidades ou ruturas nas formas de socialização para explicar a emergência de formas próprias dos imigrantes incorporarem a realidade social e o seu impacte na afirmação identitária em contexto escolar (Seabra, 2002:85)

No âmbito da análise sociológica, o debate em torno da configuração ou construção da identidade tem assumido diversas abordagens. Estas assentes, basicamente, nos processos e dinâmicas relacionais, configuram dois territórios conceptuais distintos. Um fundado no primado epistemológico da indivisibilidade do indivíduo e outro, que emerge de recursos metodológico-analíticos, que fragmentam o indivíduo em termos identitários.

O primeiro território é marcado por concepções de tipo essencialistas, que encaram os processos identitários como sendo, relativamente, imutáveis e independentes da vivência dos indivíduos. Este território começa a ser despovoado, por conta dos inúmeros trabalhos desenvolvidos a nível das ciências sociais que, não só comprovam que a identidade é resultado, sobretudo, de fatores exógenos, como demonstram que é construída e reconstruída ao longo das diversas fases da vida do indivíduo (Costa, 2002).

Os teóricos deste território (designadamente, Simmel, 1995; Giddens, 1997) consideram que, apenas do ponto de vista analítico, ser possível fragmentar a identidade nas diversas dimensões da existência social dos indivíduos. Deste modo, se pode falar em identidade profissional, étnica e de género, por exemplo. Com isto, estes autores não querem, necessariamente, construir um indivíduo fragmentado, pelo contrário apelam que olhemos para o indivíduo como o resultado da soma dos vários fragmentos que o compõem.

Esta composição pode-se dar em três níveis distintos: praxiológico; representacional e imaginário. O primeiro nível abarca o conjunto das práticas sociais dos indivíduos, o segundo nível envolve os quadros de representações e valores sociais e, no terceiro nível situam-se os elementos do plano prospetivo do real social, ou seja, é onde se projetam os planos sobre o futuro da identidade (Caldeira, 1995:82).

2. MODELO DE ANÁLISE

O modelo de análise utilizado (ver figura nº.1) foi inspirado nos contributos de Caldeira (1995); Machado (2002) e Pires (2003). Do primeiro adotamos os tipos de dimensões em que se dá a reconfiguração da identidade, enquanto no segundo consideramos a perspetiva das “continuidades e descontinuidades” entre a sociedade de origem e a de acolhimento na definição da orientação das sociabilidades na sociedade de acolhimento. E no terceiro, aproveitamos a sua conceção dualista de interiorização dos mecanismos de participação na ordem interativa, bem como as dimensões do conceito de imigração.

Assim, partimos do princípio de que ao chegarem ao novo espaço de acolhimento, os indivíduos terão de lidar com um novo sistema de valores culturais (genericamente entendidos como do povo português) e organizacionais (do ISCTE-IUL. Por sua vez, este sistema de valores gera um conjunto de exigências, a que chamamos de “demandas integracionais”. As demandas serão maiores ou menores, conforme o grau de continuidades e descontinuidades entre a sociedade de origem e a de acolhimento (Machado,2002). Estas demandas tenderão, potencialmente, a reconfigurar a identidade do indivíduo nos três níveis (Caldeira,1995). Para efeito, estes indivíduos poderão acionar, essencialmente, duas estratégias, visando promover a

Modelo de análise

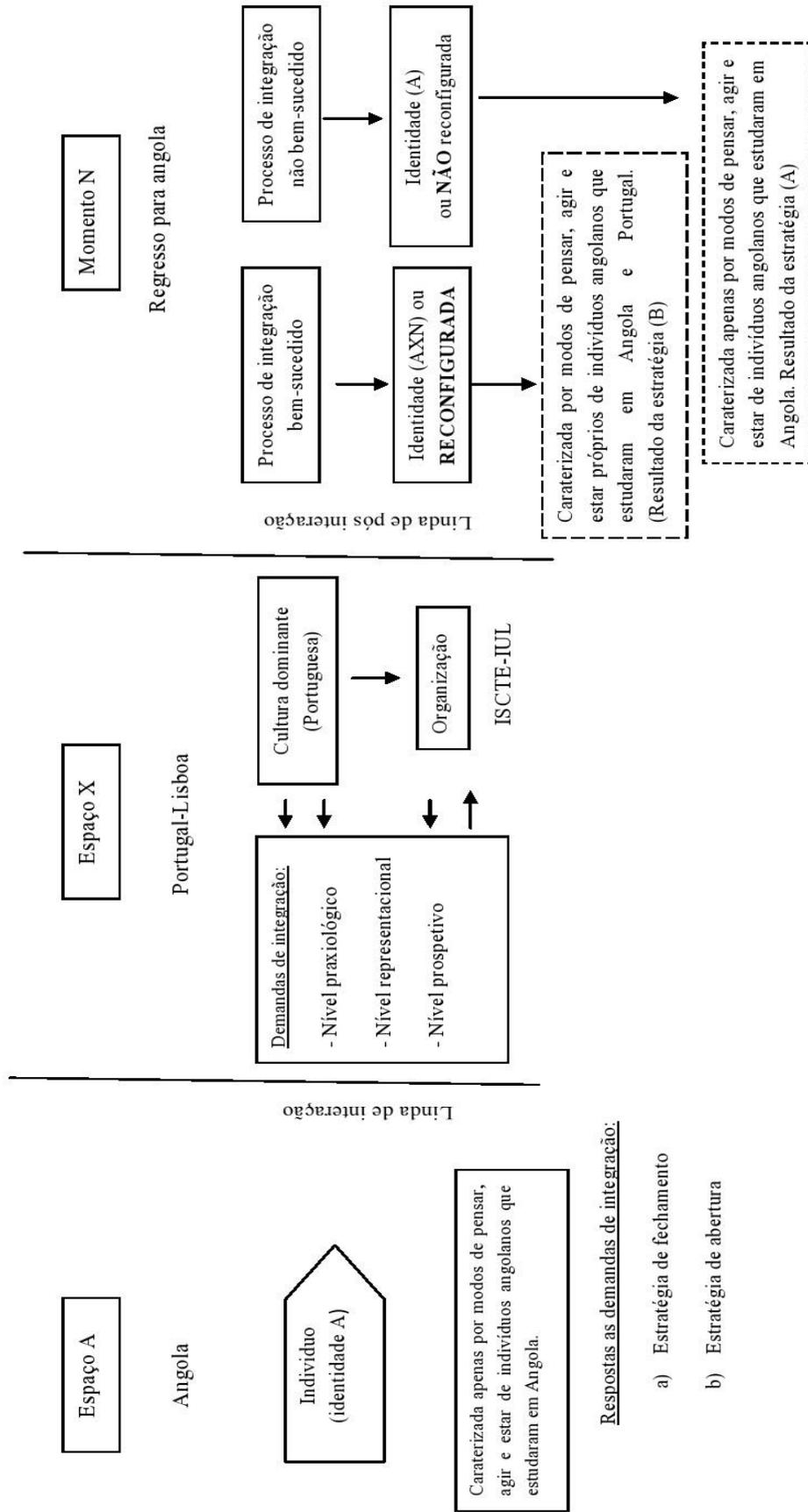


Figura nº. 1

Fonte: Criação própria, baseada em Caldeira,1995; Machado,2002 e Pires,2003)

Respostas as demandas de integração:

- a) Estratégia de fechamento
- b) Estratégia de abertura

Metodologia

Este trabalho adota uma metodologia qualitativa. As metodologias qualitativas remontam aos trabalhos da Escola de Chicago (década de 1930), e têm sido cada vez mais empregues nas ciências sociais, sobretudo, em sociologia e antropologia.

De acordo com Poupard, a metodologia qualitativa é um processo fundamentalmente indutivo em que o projeto e as hipóteses não têm existência prévia e constroem-se no decurso da própria investigação (Poupard,1981:46). Uma pesquisa de tipo qualitativa pode ser levada a cabo por, pelo menos três vias: a documental; a etnográfica e o estudo de caso (Godoy,1995:21). Optamos, essencialmente, por esta última via, para a realização desta pesquisa, embora tenha tido lugar, de forma complementar, alguma recolha etnográfica.

Neste seguimento, para a recolha da informação foi utilizado o método de trabalho de campo e a técnica de entrevista. Este método exige a presença física do investigador no terreno, onde a indução e a dedução entram em diálogo constante (Erickson citado por Hérbert at al, 2012:100). Quanto às entrevistas, trabalhamos com base na proposta de Powney e Watts (citados por Hérbert at al, 2012:192).

Em virtude de não ter sido possível o acesso à informação que nos permitisse prever ou estabelecer um meio de contacto com os entrevistados, decidiu-se optar pela técnica de amostragem “bola de neve”. Esta técnica também conhecida por “*snowball*”, faz parte do conjunto das técnicas não probabilísticas utilizadas nas ciências sociais. Consiste na identificação de um indivíduo ou mais indivíduos da população a estudar, com o auxílio dos quais se chega a outros indivíduos da mesma população até se concluir o total de indivíduos representativos para a amostra pretendida (Bacelar,1999).

Sobre as estratégias e técnicas de recolha de informação

À luz da literatura consultada e com base nas categorias teórico-conceituais selecionadas, procuramos compreender as estratégias de integração dos estudantes angolanos que frequentam os cursos de mestrado e doutoramento no ISCTE-IUL no ano letivo de 2013/2014, bem como analisar, a partir da informação recolhida no trabalho de campo, as possíveis formas de (re)configuração das identidades destes estudantes. Para efeito, mostrou-se adequado adoção de estratégias de tipo qualitativa, em que a entrevista semiestruturada é utilizada como instrumento de recolha de dados.

Sobre a amostra dos entrevistados

No presente estudo, não definimos o número de indivíduos entrevistados logo no início do processo amostral pois, a nossa ação foi mais orientada no sentido da diversidade, do que da quantidade. Deste modo, demos por concluída amostra quando atingimos o momento em que os conteúdos das informações recebidas não apresentavam diferenças substanciais, alcançando-se o ponto de saturação.

Foram entrevistados um total de 14 indivíduos de nacionalidade angolana que vieram para Portugal com o propósito de frequentar cursos de mestrado ou doutoramento no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, sendo dois do sexo feminino e doze do sexo masculino, com idades entre os 26 aos 53 anos de idade. As entrevistas foram analisadas de forma crítica, com o objetivo de compreender o sentido explícito e implícito das mensagens (Chizzotti, 2006). Procedeu-se a uma análise baseada em categorias previamente formuladas da revisão da literatura. Para cada categoria foram criadas as respetivas subcategorias, unidades de registo e unidades de contexto (Bauer e Gaskell, 2008).

Quanto ao ciclo de estudos, 12 dos entrevistados frequentam cursos de mestrados e dois cursos de doutoramento. Até à data da realização das entrevistas o tempo mínimo de residência em Portugal de cada um dos entrevistados era de quatro meses e o máximo de cinco anos.

Relativamente aos cursos que frequentam, registou-se a concentração na área das ciências sociais e humanas, nomeadamente; nos cursos de estudos africanos, psicologia, educação e sociedade e sociologia, nesta ordem de representação. A maior parte está a dar continuidade à formação desenvolvida na licenciatura ou mestrado, para o caso dos que frequentam o doutoramento. São maioritariamente funcionários do estado angolano, sobretudo professores, provenientes de cinco diferentes províncias de Angola (Benguela, Luanda, Lunda Norte, Namibe e Huíla) que escolheram Lisboa, e em particular o ISCTE-IUL, para aumentar as suas qualificações e graus académicos.

Do total dos entrevistados, seis declararam possuir uma bolsa de estudos do governo angolano e outros 8 estão dependentes de apoios familiares que chegam em forma de remessas financeiras e/ou de poupanças pessoais. A maior parte, principalmente os mais novos (idades até 35 anos) vivem em residências partilhadas com outros amigos angolanos, também estudantes, mas nem sempre colegas no ISCTE-IUL.

É de salientar que apenas três dos entrevistados declararam ter necessidade de se deslocar à Angola, pelo menos, duas vezes em cada ano letivo por imperativos profissionais e familiares e apenas um dos entrevistados declarou ter experiência anterior de residir no estrangeiro,

nomeadamente no Brasil. Os restantes declararam estar, pela primeira vez, a experienciar o estatuto de estrangeiro em Portugal, embora tivessem estado nele por curtos períodos; em serviço, tratamento médico ou férias familiares e outros conheceram Portugal nesta sua primeira viagem de fixação para efeitos de estudos.

3. OS RESULTADOS

Tipologia de estratégias de integração: fechamento ou abertura?

O modelo de análise aponta no sentido de identificar dois tipos de estratégias, adotadas pelos indivíduos estudados. Tomemos como referenciais o conjunto de comportamentos, valores, e crenças individuais ou, como chamaria Bourdieu (1964), *disposições* que são acionadas na orientação das sociabilidades. Após a análise das entrevistas, com base em critérios como frequentar ambientes multiculturais, ter amigos portugueses, ter opinião positiva sobre o “ser” dos portugueses e funcionamento geral da sociedade, ou, ainda, apenas frequentar “lugares de angolanos” ou africanos, achar que existem muitas diferenças culturais entre Angola e Portugal, permite-nos identificar dois grandes blocos de indivíduos.

Um primeiro bloco é composto por indivíduos que adiante passamos a chamar de “os resistentes” e um segundo bloco é integrado por indivíduos que pela sua visão da sociedade de acolhimento e o seu comportamento face à diferença, doravante designamos por “os permeáveis”.

a) fechamento dos resistentes

Os indivíduos pertencentes ao bloco dos *resistentes*, caracterizam-se por trazerem imagens pré-construídas sobre Portugal bastante sólidas. Alguns porque já tiveram contacto anterior com a sociedade de acolhimento, outros pelo simples facto de terem ouvido relatos ou se sentirem “velhos demais” para novas aprendizagens. Estes indivíduos são, na maior parte dos casos mais velhos que os *permeáveis*.

Estes indivíduos têm poucas expectativas em relação a mudanças nas suas identidades. Chegam mesmo a estabelecer uma linha de fronteira que indica até onde pode ir a “mudança”. Algo semelhante foi verificado um estudo realizado por Gibson(1988), citado por Seabra (2002) em que a autora conclui que a comunidade estudada “não opta pela assimilação à sociedade de acolhimento mas por uma acomodação sem assimilação, ou seja, a sua estratégia

é a aquisição de competências na cultura dominante e, simultaneamente, a identificação da sua condição primária” (Seabra, 2002:84.)

Este posicionamento resulta, em parte, das imagens construídas sobre Portugal através de experiências anteriores ou de relatos de outros angolanos que já passaram por ele. Em alguns casos, esta informação que chega através de relatos é o seu único referencial para a interação na nova sociedade de acolhimento o que favorece, sobremaneira, a orientação das suas redes sociabilidades mais para o interior dos grupos de angolanos e africanos do que de portugueses.

No plano prospetivo este indivíduo possui, de si próprio, uma imagem relativamente conservada. Embora admita haver elementos novos na sua identidade, prefere ressaltar que os anteriores estão conservados. A apreensão de “*alguns hábitos e costumes*” é encarada como um recurso estratégico e pontual para “*não cair em desuso*”. Trata-se de uma gestão difícil, pois coloca o indivíduo entre dois círculos de pertença.

b) A abertura dos permeáveis

Os permeáveis constituem o grupo de indivíduos entrevistados, em cujos discursos foi possível identificar sinais de uma maior abertura e recetividade face à sociedade de acolhimento. Nenhum destes teve contacto anterior com a sociedade de acolhimento, até à data em que fixaram residência em Portugal, por motivo de estudos. Possuem uma vaga imagem de Portugal, construída, essencialmente, a partir de breves e episódicas interações mantidas com portugueses residentes em Angola e das informações recebidas através da imprensa internacional.

O facto de possuírem vagas imagens sobre a sociedade de acolhimento, parece influenciar a postura que adotam, pelo menos, nos primeiros períodos de estadia. Os permeáveis veem a sociedade de acolhimento como uma porta para mundo e não assumem lugar em nenhuma das posições de fronteiras.

As orientações das sociabilidades podem variar de acordo com o carácter da condição de minoria. Para Sandala, o facto de ser estrangeiro não gera em si mesmo a necessidade de se defender do tratamento preconceituoso. É preciso gozar de um estatuto mais perene que por si funda outras necessidades dentro dos quadros mais gerais de interação, como acontece com as minorias negras residentes.

É curioso notar que a noção de fronteira está presente tanto no imaginário dos resistentes quanto dos “permeáveis”. O que varia é apenas o sentido que lhe atribuem. Para os “resistentes”

funciona como elemento para cercar o impacto de possíveis influências culturais da sociedade de acolhimento. Enquanto para os “permeáveis” funciona mais como um elemento de demarcação de duas posições antagónicas, das quais preferem não tomar posição.

A orientação dos indivíduos dentro do novo quadro de relações sociais é influenciada, em certa medida, pela forma como são acolhidos.

Para os permeáveis a adaptação é vista como um imperativo da sua condição de estrangeiro. Contudo têm presente que por mais esmerados que sejam na construção de novas redes sociais. Trata-se de um exercício de incorporação consciente dos novos quadros sociais. A partir do momento em que o indivíduo coloca a adaptação como imperativa, ele deixa de considerar alternativas que não sejam a incorporação destes novos quadros porque somente através deles é que a adaptação se pode processar com sucesso (Pires,2003).

O caminho escolhido por eles é certamente o caminho da relativização. Não é que se abstenham de fazer julgamentos sobre a nova realidade. Apenas os colocam mais no plano da razão do que dos valores, ao contrário dos “resistentes”. Colocar ambas realidades sociais em perspectiva é um verdadeiro exercício de alteridade, cuja utilidade se revela bastante prática. Esta alteridade não se resume apenas na aceção clássica da ideia de “colocar-se no lugar do outro”. Vai mais além: propõe a que o indivíduo coloque outro no seu próprio lugar, para buscar uma compreensão da sua identidade sob a óptica do outro.

Ao olharem para Angola como um extragrupo, assumindo-se como fazendo parte do grupo da sociedade de acolhimento, deixa a nu o seu próprio “eu” cultural para observá-lo desde o ponto de vista do outro. Este facto permite-lhes compreender a visão que outro tem de si e daí desenvolver mecanismos de aproximação, minimizando ao máximo possível situações de desajustes gerados pelas eventuais discontinuidades existentes entre os dois espaços.

Para poder circular livremente entre estas duas realidades social e culturalmente distintas, estes indivíduos colocam-se numa posição de abertura como forma de minimizar os impactos das eventuais discontinuidades, assumindo por conseguinte as marcas deste processo.

A consciência de que com o tempo a identidade do indivíduo é marcada por novos traços torna-se clara. Nos seus discursos, estes indivíduos fazem referência a dois elementos cruciais da análise sociológica sobre a imigração: o tempo e o espaço. Após residir em Lisboa por alguns anos, sentem-se diferentes dos outros angolanos. O facto de ter deixado Angola força-o a entrar num novo processo de socialização. A maleabilidade destes indivíduos pode

resultar do seu auto conhecimento da situação em que se encontram e do facto de possuírem referenciais culturais definidos entre as duas sociedades.

O facto de estes indivíduos não tomarem posição em nenhum dos dois lados da fronteira (estrangeiros e nacionais) por meio da defesa dos valores identitários do grupo ou adoção de orientações societárias específicas, os expõe ao risco de não serem reconhecidos como membros legítimos de nenhum destes lugares. Esta situação de ambiguidade é típica nos casos em os indivíduos que se deixam influenciar, significativamente, ao longo dos processos de interiorização das normas e dos traços da cultura dominante. A língua, seja pela incorporação de novos vocábulos, seja pela alteração da dicção, e o sotaque são marcadamente os traços mais notáveis³.

c) O hibridismo atípico

De acordo com o quadro teórico, que inspirou a elaboração do modelo de análise utilizado, em contexto de integração são esperadas, tipicamente, duas orientações societárias sendo que há sempre a possibilidade de emergência de outras combinações (Pires, 2002).

Ao analisar as entrevistas, surpreendeu-nos o facto de num conjunto de discursos, relativamente residuais⁴, termos identificado sinais de hibridismo identitário. Isto é, uma terceira modalidade de resposta às demandas de integração, em que os indivíduos combinam em graus variados, elementos das duas orientações anteriores com sinais de reforço da identidade.

Entendemos chamar este grupo de “*híbridos atípicos*”, pelo facto de a sua postura diante da multiculturalidade se marcar, essencialmente, pela combinação de diversos elementos no plano cognitivo e praxiológico. Estes indivíduos lutam para dar existência à sua própria identidade, reconstruindo-a com a coerência possível, diante da multiplicidade de influências sociais muitas vezes contraditórias (Cfr. Kaufmann, 2004:138).

Hibridismo atípico porque são escassas referências, na literatura especializadas, de combinação que resultaram num hibridismo que apela o retorno às origens. Em regra, as manifestações de reforço identitário são abordadas em separado e o hibridismo é formado

³ Um estudo recente, sobre reconfigurações identitárias, desenvolvido por pesquisadores do Centro de Investigação Identidade (s) e Diversidade (s), do Instituto Superior Politécnico de Leiria, constatou o mesmo entre os entrevistados que assumiram uma postura de “entrega” à sociedade de acolhimento a que chamaram de oblató. Cfr. Vieira et al (2003), *Partir, Chegar, Voltar*, Edições Afrontamento, pp.:68-80

⁴ Apenas dois, dos catorze entrevistados, correspondendo a 14% do total, enquadram-se nesta categoria de indivíduos.

apenas pela multiculturalização e etnicização simultâneas⁵. No caso destes dois entrevistados, a ideia de uma cidadania transnacional dá forma a uma postura culturalmente eclética onde o indivíduo cria laços e a pertença vai para além das origens, se difunde nos destinos que se descobrem.

“ Acho que nós não temos que nos sentir como se pertencêssemos a um sítio ou outro, eu me sinto um cidadão do mundo” (Yopilo, 27 anos)

O trecho acima remete-nos para a ideia de identidade dinâmica, tal como é apresentada por Fichte, segundo a qual *“ o individuo é um devir que não corresponde nem a um destino, nem a uma repetição”* (Fichte citado por Singly, 2003:31). Porém esta postura voltada para o futuro e as possibilidades que os novos espaços podem oferecer ao indivíduo, não deve ser encarada como uma atitude maniqueísta de escolha entre a exaltação das origens e ou a sua total negação.

“Quando vou para Angola como funje a vontade, mesmo aqui também como. Se for à aldeia sento com a minha avó na esteira eu não tenho esses problemas.”
(Yopilo, 27 anos)

A deslocação para um novo espaço e a frequência do mestrado em estudos africanos estão na base do despertar dos traços identitários. No caso deste entrevistado podemos observar como o carácter relacional da identidade se manifesta em diferentes contextos.

*“ Quando estava em Angola até que não ligava muito para estas coisas das línguas nacionais. Mas agora é diferente. Sempre que posso, procuro aprender e praticar com os que falam Kimbundo”*⁶ (Ndembele, 28 anos)

“Embora esteja a fazer este mestrado, eu estou ainda em busca das minhas identidades. (...) nas aulas às vezes falamos como é cultura em cada país, os meus colegas contam coisas, mas eu sei pouco. Por isso tenho vontade de aprender Kimbundo” (Ndembele, 28 anos)

O debate em contexto de sala de aula favoreceu o aumento do seu conhecimento sobre a diversidade cultural do mosaico africano e não só⁷, o que serviu de estímulo para invenção de um saudosismo virtual, através do qual procura recuperar o tempo perdido através de

⁵ Em Viera et al (2013) *Partir, Chegar e Voltar*, Porto, Afrontamento, é possível encontrar alguns destes exemplos.

⁶ O Kimbundo é uma das línguas nacionais de Angola, falada por um dos dez grupos étnicos: Os ovambos estão localizados na região do noroeste do país. Estima-se que seja falada por três milhões de angolanos.

⁷ O entrevistado referiu que na sua sala existiam africanos, brasileiros e portugueses que também narravam aspetos gerais e particulares das respetivas culturas.

pesquisas e conversas que leva a cabo com objetivo de reunir e difundir informações e factos sobre a sua cultura.

“Tenho uma colega brasileira que me pediu para lhe traduzir uma música do Paulo Flores. Como eu não sabia, disse que ia escrever em casa. Pesquisei uma parte sozinho e outra foi um amigo em Luanda que me ajudou” (Ndembele, 28 anos)

A sua preocupação em apetrechar-se cada vez mais com conhecimentos sobre a sua origem, não constitui obstáculo ao desenvolvimento de laços com cidadãos de outros países, pelo contrário. Como vimos atrás, estes elementos servem, muitas vezes de catalisador das interações. O mesmo sucede com Nzangi:

“Nem por isso. Eles até gostam do nosso modo de falar, as nossas expressões: ya, bala, fixe, malaike. Os meus colegas no princípio me chamavam de yá, porque ele diziam que eu falo muito ya. E pediam para eu lhes ensinar” (Nzangi, 29 anos)

Estes indivíduos, ao contrário dos demais, encontram-se a interagir com colegas e amigos de diferentes proveniências que valorizam a diferença e manifestam interesse na partilha de conhecimentos sobre a sua cultura para os diversos fins, com destaque ao académicos. Deste modo, estes indivíduos tornam-se aptos ao desenvolvimento de interações multiculturais bem-sucedidas.

“Tenho vários amigos, para mim isso não é problema. Eu mesmo já conhecia a cultura daqui e um pouco dos brasileiros. Agora de Moçambique não, mas também como é África é mais fácil” (Nzangi, 29 anos)

Os “híbridos” possuem em comum com os “permeáveis” a socialização antecipada: *“eu já conhecia a cultura daqui e um pouco dos brasileiros”*. Não é tão difícil perceber porque Nzangi não disse o mesmo em relação a Moçambique: foi porque parte significativa deste processo de conhecimento do “outro” é feita através dos meios de comunicação social, particularmente, das telenovelas e, em Angola, a presença da imprensa destes dois países é bastante forte enquanto a de Moçambique não tem a mínima expressão.

Como se constata, apesar de partilharem uma origem cultural (racial e étnica) comuns⁸ e os atributos sociográficos mais ou menos estabilizados, é notória a performance individual no agenciamento das demandas geradas pelo novo espaço de acolhimento.

⁸ Todos os indivíduos entrevistados declararam pertencer a etnia ovambo ou ovimbundo e eram todos negros.

“ Eu até lhes apresento mas, eles (angolanos) acham sempre que os portugueses são achados. Não sei se não gostam deles ou é dificuldade em falar com eles (portugueses) ”. (Nzangi, 29 anos)

Nas palavras de Nzangi é possível denotar a existência e influência de determinantes individuais a nível do desempenho dos indivíduos no quadro de interiorização dos novos quadros de interação.

Conclusões

A análise das entrevistas permitiu-nos compreender a diversidade das orientações sociais dos estudantes angolanos a frequentar o 2º e 3º ciclo do ensino superior no ISCTE-IUL, em face da necessidade de responder às demandas integracionais.

Uma das constatações que mais capitalizou as nossas atenções foi a perceção do carácter temporário da condição de imigrante. Estes indivíduos constroem a sua autoimagem baseando-se em critérios prospetivos, o que funciona como estabilizador de tensões resultantes das descontinuidades. Deste modo, os processos de etnicização nunca chegam a concretizar-se de facto, salvo raras exceções, pois a curta duração dos cursos de mestrado aliado às frequentes viagens ao país de origem interrompem os fluxos das demandas e subvalorizam o papel estratégico das redes em construção.

Por se tratar de uma amostra maioritariamente jovem (cerca 70% com menos de 35 anos) escolarizada e, relativamente, bem informada, a perceção das descontinuidades existentes entre os dois espaços é relativamente reduzida, por força da mediatização da sociedade angolana, por um lado, e pela franca densidade das interações por outro. Verificou-se mesmo, em certos casos, a presença da socialização antecipada, feita não da forma tradicional - através de grupos de referências existentes no país de acolhimento -, observados desde o país de origem, mas através de grupos de outros angolanos que tendo passado por Portugal, regressaram à Angola e transmitiram os valores e práticas mais gerais da nova sociedade de acolhimento.

Embora existam várias descontinuidades nos dois eixos identificados por Machado (2003), estas se apresentam, relativamente, dispersas no quotidiano destes indivíduos, sobre os quais, apenas as descontinuidades que se registam no eixo cultural exercem um efeito negativo à integração. Ao longo das entrevistas, com frequência os estudantes deram conta de aspetos

relacionados com a cultura, por exemplo, os modos como se estabelecem os laços de amizade e confiança, as relações entre colegas e em nenhuma ocasião mencionaram qualquer desajustamento em relação ao alojamento, localização residencial ou funcionamento da instituição. Nos pontos em que se registou descontinuidade, a nível da cultura académica elas tendiam a ser marcantes. Destacam-se duas: a forma muito descontraída como os estudantes frequentam os espaços da universidade e as relações entre pares. Na realidade angolana, segundo apuramos dos entrevistados, há uma sacralização da figura do professor da instituição universitária. Assim, não é permitido fumar nem comparecer de calções no recinto escolar o que, em Lisboa é aceite com naturalidade. As relações entre colegas de universidade em Angola, como se observou nas entrevistas, extravasam o domínio académico e se estende para a vida em geral, o que, de acordo com as suas representações, em Lisboa dificilmente acontece, sobretudo, quando tratando-se de estudantes imigrantes. Estas descontinuidades, não obstante a circunstância, tendem a ser percebidas pelos indivíduos como críticas. Primeiro por serem jovens e não possuírem experiência anterior de residir no estrangeiro e segundo por elas se colocarem no plano do ator, isto é das relações interpessoais.

As nossas entrevistas mostraram que quanto maior é a perceção de descontinuidades no eixo cultural maior é a tendência dos indivíduos limitarem o âmbito das suas interações aos contextos formais, como é o caso das instituições e do próprio ISCTE-IUL. Estes indivíduos por encontrarem dificuldades em criar, por si mesmos, laços informais com os portugueses constroem as suas redes, dentro do ISCTE-IUL e fora dele, voltada para os não portugueses, fundamentalmente, para os africanos negros. É crucial aqui ressaltar que estes estudantes angolanos não se juntam aos demais estudantes africanos pelo facto de serem todos africanos mas, antes, por serem negros. Para eles, a cor da pele funciona como um marcador de identidade que simultaneamente induz, não apenas a um sentimento de partilha de uma origem comum (África), mas e sobretudo introduz igualização da condição de estrangeiro. Portanto, não parece sensato, de todo, catalogar como etnicização a resistência oferecida por estes indivíduos à integração nos quadros da ordem interativa da sociedade de acolhimento porquanto o peso da condição de se ser estrangeiro é relevante.

Os indivíduos a que convencionamos chamar de “permeáveis” demonstraram que apesar das várias descontinuidades registadas no eixo cultural é possível alcançar um nível de adaptação satisfatória que garanta o processamento das interações mais genéricas. Preferimos, mesmo

no caso dos “permeáveis”, falar em adaptação e não em assimilação⁹, devido o modo como estes indivíduos encaram as mudanças operadas na sua identidade, no plano prospetivo. Eles assumem-nas como sendo temporárias, circunstanciais e instrumentais. Falamos em adaptação dada a existência, ainda que rarefeita, de descontinuidades em algumas dimensões do eixo cultural, nomeadamente, na lógica da orientação das sociabilidades. Somente em caso de dupla continuidade é que poderemos falar em plena integração. (Machado,2002:5)

O relativo sucesso com que estes indivíduos respondem as demandas de integração geradas no espaço de acolhimento, não resulta, de todo, de uma plena integração ou interiorização dos novos quadros encontrados. O que nos permitiria falar em assimilação. Mas, e sobretudo, das decisões racionais feita no plano operativo sobre que orientações dar às suas redes e deste modo maximizar o número de interações bem-sucedidas. Porém, não podemos negar que, por efeito de acumulação, progressivamente os indivíduos, à medida que vão multiplicando o número de interações bem-sucedidas, poderão reduzir e, até mesmo dispensar, este expediente de selecção das interações mais propensas a serem bem-sucedidas.

Embora prevíssemos, a quando da definição dos dois ideais-tipo polares (eticização e multiculturalização), a possível emergência de uma terceira orientação, surpreende-nos o modo como da combinação em graus variáveis destes dois ideias-tipos emergiu uma terceira: os “híbridos”. A identificação desta categoria de indivíduos constituiu, para nós, uma novidade. Em geral, pesquisas anteriores têm identificado uma terceira categoria de indivíduos que resulta da percepção ou existência de descontinuidades acentuadas que os leva a desenvolver um mecanismo forte de auto-preservação que conduz a fenómenos de reforço da identidade ou fechamento extremo. O nosso estudo identificou indivíduos, a que convenciamos chamar “híbridos atípicos”, que ao mesmo tempo demonstraram níveis aceitáveis de adaptação aos novos quadros interativos, mantêm laços ativos com os grupos de angolanos e desenvolvem sinais de reforço identitário. Esta constatação coloca-nos numa situação de hibridismo atípico. Os indivíduos que vivem o hibridismo atípico movem-se nas áreas movediças das identidades múltiplas e globalizadas (Simmel, 1995; Bauman,2001; Maalouf, 2002; Lahire,2004), devido a ativação frequente dos seus variados laços de pertença. Contudo, por se tratar de um número de indivíduos relativamente residual, em relação a amostra estudada não nos parece possível fazer mais inferências ou generalizações. Sendo um caso que perspetivamos aprofundar em estudos futuros.

⁹ O nosso entendimento de assimilação, está em linha com o de Pires (2003:96)

Relativamente as dimensões de integração às instituições de ensino propostas por Baker e Siryk (1989) verificou-se haver grande ajustamento académico e comprometimento com a instituição, enquanto nas dimensões relacional-social e pessoal-emocional os níveis de ajustamento ficaram muito aquém das expectativas dos entrevistados.

A terminar, queremos assinalar que a ausência de um programa específico para o acolhimento destes estudantes, que se ajuste às suas necessidades de socialização contribui para o seu relativo isolamento da maioria, não só no interior do ISCTE-IUL, como na sociedade portuguesa, em geral. A implementação de programa com este objetivo poderá facilitar o enriquecimento da experiência dos angolanos (e de outros estrangeiros) que estudam nesta instituição através de práticas que promovem o efetivo intercâmbio cultural a par da transferência do conhecimento científico.

Bibliografia

- Almeida, L.S. & Soares, A.P (1999), “Questionários de vivências académicas: construção e validação de uma versão reduzida(QUA-r)”, in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (3), 181-207
- Alves-Pinto, Conceição (1995), *A Sociologia da Escola*. Lisboa, McGraw-Hill
- Bader, Veit-Michael (2008), *Racismo, etnicidade, cidadania – reflexões sociológicas e filosóficas*. Porto, Edições Afrontamento.
- Baker, R. W. & Siryk, B. (1989), *Student Adaptation to College Questionnaire*, Los Angeles, Western Psychological Services.
- Barcelar, Sérgio Manuel (1999) *Amostragem nas Ciências Sociais – Relatório de aula-teórico prática*, Faculdade de Economia d Universidade do Porto, Porto.
- Bauman, Zygmunt (2001), *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar
- Bourdieu, Pierre; Passeron, J.C (1964). *Les héritiers, les étudiants et la culture*, Paris, Minuit
- Caldeira, Paulo (1995), “Identidade dos Portadores do Vírus da Sida – Reconstrução das Identidades e formas de inserção social dos portadores do vírus do HIV”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, (17) pag.:75-95
- Carvalho, Luísa Manuela da Costa Ramos de (2009), *Identidade étnica e estratégias de aculturação em contextos multiculturais: estudos com crianças e agentes socializadores*, ISCTE, Lisboa. Tese de doutoramento. Consultado (online) 04.04.2013 <http://hdl.handle.net/10071/2392>
- Castelo, Cláudia (2010), *A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial. In 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos - 50 Anos das independências africanas: desafios para a modernidade*, Lisboa, CEA. https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/2244/1/CIEA7_6_CASTELO,%20A%20C%20asa%20dos%20Estudantes%20do%20Imp%C3%A9rio.pdf. Consultado (online) aos 20.03.2013
- Challinor, Pilar Elizabeth (2011), “Identidade e Pertença: para além das dimensões materiais do sofrimento”, in *Revista Etnográfica*, (15) pag.:470-500.
- Chizzotti, António. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*, São Paulo, Cortez
- Costa, António Firmino (2002), “Identidades Culturais Urbanas em Época de Globalização” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (48), pag.:15-30.
- Cruz, Elisabete da Conceição de Fátima de Ceita Vera (2012), *Ser jovem em Angola: valores e identidade(s) dos estudantes universitários angolanos*, ISCTE-IUL, Lisboa. Tese de doutoramento. Consultado (online) aos 12.05.2013 <http://hdl.handle.net/10071/4361>

- Diniz, António Augusto Pinto Moreira (2001), *Crenças, escolha de carreira e integração universitária*, Minho, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Consultado (online) aos 05.05.2013. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1635>
- Eisenstadt, Shmuel. N.(1954), *The absorption of immigrants*, London, Routledge
- Etzioni, Amitai (1974), *Organizações modernas*, São Paulo, Pioneira.
- Giddens, Anthony (1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora
- Godoy, Arilda S. (1995), “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”, in *Revista de Administração de Empresa*, (3), pag.:20-29
- “Falar Português em Angola”, entrevista da Professora Doutora Amélia Mingas concedida ao *Jornal cultura*, (2013), edição nº 41, de 14 a 27 de Outubro, pag.:6-8.
- Kaufmann, Jean-Claude (2004), *A invenção e de Si – uma teoria da identidade*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lahire, Bernard (2004), *O homem plural*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Maalouf, Amin (2002), *As identidades assassinas*, Lisboa, Difel.
- Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Machado, Fernando Luís et al (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (66), pag:45-80
- Martins, Susana da Cruz (2012), *Escolas e Estudantes da Europa*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Minayo, Maria Cecília de Sousa (2007), *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro, Abrasco.
- Pazeto, Antônio Elízio (2007), *A escola e universidade como instituição: o desafio da gestão da educação na perspectiva institucional*, UDESC. http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/39.pdf
- Consultado (online) aos 12.03.2013.
- Pedreira, Isabel & R, Cláudia (2012), *Os Estudantes Estrangeiros Nacionais de Países da CPLP no Ensino Superior em Portugal: contributos para uma caracterização*, Direção-Geral de Estatísticas da Educação. Consultado (online) aos 05.05.2013. <http://www.dgeec.mec.pt/np4/68/>
- Pinto, Sónia Rosa Ferreira (2007), *As representações dos professores no diálogo de culturas nas escolas: Estudo de caso dos professores do 1º ciclo da escola do concelho de Paredes*. Dissertação de mestrado. Universidade Portucalense, Porto.

- Pires, Rui Pena (1999), “Uma teoria dos processos de integração” in *Sociologia Problemas Práticas*, (30), pag.:9-45.
- Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta Editora.
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (2003), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 3ª Edição, Lisboa, Gradiva.
- Rocha, Eleonora da Silva (2012), *Avaliação dos processos de integração dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no ISCTE-IUL*. Trabalho de Projeto de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Relatório de Atividades Referente ao Letivo de 2012, Instituto Universitário de Lisboa
- http://iscteul.pt/Libraries/GCI_Documentos_e_Formul%C3%A1rios/RelatorioAtividadesISCTE-IUL2012.sflb.ashx.
- Seabra, Teresa (1999), *Educação nas famílias: etnicidade e classes sociais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Seabra, Teresa (2010), *Adaptação e Adversidade: o desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Simmel, Georg (1995), “O cruzamento dos círculos sociais”, Cruz, Manuel Braga da (org.), *Teorias Sociológicas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pag.:573-578.
- Singly, François de (2003), *Uns com os outros – quando o individualismo cria laços*, Lisboa, Jean Piaget.
- Touraine, Alain (1998), *Iguais e Diferentes. Poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget.
- Vieira et al (2003), *Partir, Chegar, Voltar*, Porto, Edições Afrontamento.
- Vieitez, Eduardo Ruiz (2001). “Minorías europeas y estado de derecho” in Rodríguez, Isabel Garcia (Ed.) *Las minorías en una sociedad democrática y pluricultural*, Espanha, Universidad de Alcalá - servicio de publicaciones, pag.: 51-88.